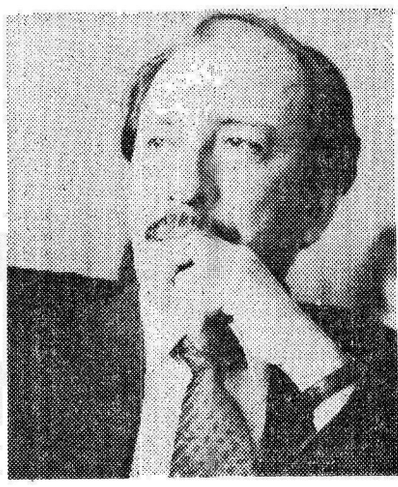

Arquivo

Passarinho, Almino, Saturnino: motivos diferentes, mas igual empenho por um mandato

Faixas desaparecem em Osasco

CARLOS MANENTE

Quando o presidente João Figueiredo subiu ao palanque, para discursar na praça principal de Osasco, na semana passada, José Papa Júnior olhou, desolado, em torno. Com os olhos arregalados, aproximou a boca do ouvido do ex-governador Paulo Maluf e cochichou alguma coisa. O exgovernador respondeu, em tom baixo e com jeito irritado. Depois, ao notar que era observado, pôs um sorriso no rosto e levantou o dedo polegar, num sinal de "positivo".

No entanto, o que Papa Júnior acabara de observar foi o assunto mais comentado, no PDS, pelo restante da semana, e provocou, até, algumas queixas informais feitas à direção estadual do partido do governo: todas as faixas e cartazes de apoio tanto à sua candidatura, ao Senado Federal, como à de Paulo Maluf, à Câmara dos Deputados, haviam sido arrancados, durante a noite anterior. No lugar, foram afixadas faixas e cartazes do candidato ao Senado, Adhemar de Barros Filho, e à Câmara, José Camargo, que têm, em Osasco, um forte reduto eleitoral.

Adhemar de Barros Filho e José Papa Junior são candidatos a senador pelo mesmo partido, ao lado de Blota Junior. A disputa que existe entre ambos, entretanto, já não consegue ser disfarçada. A rivalidade chegou a tal ponto que um candidato a deputado comentava, no mesmo dia da visita de João Figueiredo, numa roda de políticos e jornalistas, a façanha da qual se orgulhava: "Até agora, não me decidi por nenhum dos senadores, apesar de todos os assédios e das pressões".

"A sublegenda retira o conteúdo da eleição de senador", desabafou, no fim de semana, o presidente regional licenciado do PMDB, Mario Covas. Seu partido, da mesma forma que o PDS, enfrenta problemas sérios na disputa interna entre os três detentores das sublegendas, e um dos candidatos não vacila em criticar até com agressividade um de seus companheiros de disputa: Helio Navarro não perdoa o fato de Severo Gomes haver assinado as cassações de mandato de Marcelo Gato e Nelson Fabiano que hoje, por coincidência, voltaram a se candidatar, no mesmo partido do ex-ministro do governo Geisel.

Do lado do PDS, a divisão está bem delimitada: enquanto o empresário José Papa Junior recebe o apoio do ex-governador Paulo Salim Maluf, e faz, com ele, a "dobradinha" Senado-Câmara, o filho do ex-governador Adhemar de Barros conta com outro apoio importante: o de seu primo Reynaldo de Barros, candidato ao governo do Estado.

"Na verdade — disse outro candidato do PDS —, tratam-se apenas de alianças de campanha. Paulo Maluf não se aliou, mas enganchou-se no candidato Papa Júnior, que, até agora, gastou 280 milhões de cruzeiros em sua campanha."

José Papa Júnior possui, como comitê central, uma enorme mansão, na avenida Colômbia, onde não faltam, por exemplo, as "papetes", garotas bem maquiadas, vestidas de calças "jeans" e camisetas com o nome do candidato, que são capazes, por exemplo, de interromper uma visita presidencial ao Museu da Imagem e do Som, que fica quase vizinho ao comitê, e levar o presidente da República, pelo braço, a visitar a sede da campanha de Papa Júnior.

"Os recursos de que Papa Júnior dispõe, e não vacila em gastar, são um excelente convite para apoios", ironizou outro dos candidatos do PDS. Isso, porém, não amedronta o terceiro candidato do partido, Blota Júnior, que alguns políticos vêem como "prensado entre duas muralhas, entre dois rolos compressores, que são seus companheiros de sublegendas".

"Eles podem ter dinheiro, recursos", respondeu um dos assessores da campanha de Blota Júnior, "mas o nosso candidato tem prestígio eleitoral. E não será de estranhar-se, desta vez, repetir Orestes Quércia, que, sem gastar e sem buscar desesperadamente alianças, acabou por se eleger, derrotando o favorito da época, o ex-governador Carvalho Pinto."

Blota Júnior afirma que sua campanha está "na medida certa, como convém", e explica: "Estamos aquecendo lentamente. De nada adiantaria estar na frente agora e ficar atrás no dia 15 de novembro. No entanto, nos lugares onde interessa, eu já lidero as pesquisas eleitorais".

Sexta-feira, um assessor de Blota Júnior insistia com ele: pretendia pregar, na parede, um cartaz, que diz: "Só gasta dinheiro quem não consegue por amor". O candidato ficou de pensar, para dar sua resposta.

A existência das sublegendas, na eleição para o Senado, e a coincidência de eleições para todos os níveis "tiraram do primeiro plano a eleição para o Senado e tornaram a campanha muito mais difícil", dizem tanto os candidatos como os dirigentes partidários, tanto dos partidos de oposição quanto do PDS.

"A eleição para o Senado — explica Mário Covas — até recentemente comandava o processo eleitoral. Com a introdução da sublegenda e a coincidência com as eleições de governador e prefeito, ela tornou-se confusa. Em primeiro lugar porque, com a diversidade de postulantes, ela mais se parece com uma eleição proporcional, e não majoritária. Além disso, a campanha acaba-se polarizando nos cargos de governador e prefeito, e a disputa para o Senado tem sua importância reduzida."

Arquivo

Papa Júnior

O presidente licenciado do PMDB, entretanto, diz que seu partido pretende lutar, na campanha, contra essa situação, e esse o motivo pelo qual as campanhas ao Senado sofrerão, agora, "um impulso substancial". O objetivo é fazer com que os votos atribuídos aos senadores do PMDB "se relacionem com os que obtiverem nosso candidato a governador".

Também no PMDB a disputa é acirrada entre os candidatos. O empresário e ex-ministro Severo Gomes conta com o apoio de setores liberais e mais conservadores, dentro do PMDB, entre os quais se inclui parcela expressiva de pessoas muito chegadas a Franco Montoro. Os setores à esquerda dividem-se entre Almino Afonso e Hélio Navarro.

Almino Afonso, ex-ministro do Trabalho de João Goulart, define seu próprio eleitorado: "Ele situa-se na região mais politizada, mais ideológica. Ponderáveis setores da esquerda me apóiam, embora também haja pessoas dessa área que emprestam seu apoio a Severo Gomes. Os trabalhadores tendem a ficar comigo, pois tenho bom acesso à área sindical, da mesma forma que na área jovem".

A análise que o empresário e ex-ministro Severo Gomes faz da situação é um pouco diferente: "Na verdade — argumenta — eu lidero as pesquisas eleitorais porque tenho eleitores em todas as faixas. Acredito que isso se deva ao fato de eu ser conhecido". A pregação política de um e outro candidatos, embora sejam do mesmo partido, também tem algumas diferenças: os pontos básicos em que Severo Gomes apóia sua plataforma são a conquista do poder interno, para que as decisões passem a ser da população, e a mudança do modelo econômico, com a expansão do mercado interno "que é outro nome que eu — diz Severo Gomes — dou ao bem-estar do povo".

Hélio Navarro, que conseguiu a sublegenda com o apoio de Orestes Quércia, divide com Almino Afonso a faixa à esquerda do PMDB. E, como fez desde que se declarou candidato, adverte seus eleitores, para que votem em pessoas que "jamais usufruíram do governo, jamais cassaram direitos de quem quer que seja", numa alusão direta ao ex-ministro Severo Gomes.

José Roberto Faria Lima é sobrinho do ex-prefeito Faria Lima, de São Paulo, e ex-deputado. "É um dos candidatos mais pobres, que não tem, de verdade, nenhum dinheiro para gastar", desabafa Ivete Vargas, a presidenta do PTB. "Há muitos vereadores que têm mais recursos que ele, mas isso acontece, muitas vezes, com as pessoas honestas. O que vale é a legenda do PTB, nosso candidato a governador e o nome de Janio Quadros, encabeçando a chapa. Isso, além das demonstrações que Faria Lima já deu, durante o período em que foi deputado federal."

Euzébio Rocha, candidato do PDT, já definiu suas despesas para a campanha: gastará 400 mil cruzeiros. "E mesmo que eu quisesse, não poderia gastar mais, porque não tenho", afirma, sorrindo. Euzébio Rocha foi deputado federal por São Paulo, de 1946 a 1962, e tem três pontos básicos em sua campanha: reformulação do modelo econômico, um planejamento mais realista dos investimentos e reformulação da política externa brasileira, "para impedir que os países pobres continuem a ser esmagados pelos ricos".

"Dinheiro? Não tenho. O que sai do meu bolso é apenas para entregar ao fundo do partido", afirma Jacó Bitar, candidato do Partido dos Trabalhadores, presidente eleito pela quarta vez consecutiva do Sindicato do Petróleo de Campinas e Paulínea. "As coisas, no PT, são diferentes — diz Jacó Bitar — porque a pregação de todos é o programa do partido, e o dinheiro acumulado vai para o fundo comum. Mesmo assim, estou em segundo lugar, nas pesquisas sérias de tendências eleitorais, e a tendência é subir".

Jacó Bitar defendeu, numa reunião realizada na semana passada, na sede do PT, a necessidade de o partido dar maior destaque à campanha para o Senado, e sua opinião conseguiu a simpatia de toda a cúpula partidária. "Há mensagens importantes para divulgar para a opinião pública — diz o líder sindicalista e candidato — e uma delas é a necessidade de se modificar o relacionamento que existe entre os parlamentares e os eleitores que votaram neles. Esses votos têm que repercutir no Congresso Nacional, têm que se transformar em voz, em reclamo, em reivindicação. Não devem existir candidatos de si próprios. Isso tem que acabar. Como tem que acabar esses gastos excessivos, durante a campanha eleitoral. Nossa intenção é mostrar, durante a própria campanha, que quem gasta muito vai querer recuperar de algum lugar, depois de eleito".